



## O canto orfeônico na Paraíba<sup>1</sup>

Luceni Caetano da Silva (UFPB)

**Resumo:** Este trabalho traça um paralelo entre o canto orfeônico existente no Rio de Janeiro e na Paraíba nas décadas de 1930 e 1940; este desenvolvido por Gazzi de Sá, aquele por Villa-Lobos. Ademais, discorre sobre a estreita ligação entre esses dois músicos. Em seguida, apresenta Gazzi de Sá como professor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, no Rio de Janeiro, e o seu empenho em criar um Conservatório de Canto Orfeônico na Paraíba, mesmo já tendo fixado residência no Sudeste do país. Reforçando ainda, através das histórias apresentadas, o relevante papel que Gazzi de Sá teve como educador musical na Paraíba.

**Palavras-chave:** Gazzi de Sá. Educação musical. História do canto orfeônico na Paraíba.

### Choral singing in Paraíba

**Abstract:** This work draws a parallel between choral singing in Rio de Janeiro and in Paraíba in the 30's and 40's; the former was developed by Villa-Lobos and the latter by Gazzi de Sá. Moreover, it considers the close connection between these two musicians. Then, it presents Gazzi de Sá as a teacher at *Conservatório Nacional de Canto Orfeônico* in Rio de Janeiro as well as his determination to create a *Conservatório de Canto Orfeônico* in Paraíba, even after he had settled in the south-east of Brazil. The relevant role that Gazzi de Sá played as a musical educator in Paraíba is stressed by means of the reports presented in this work.

**Keywords:** Gazzi de Sá. Music education. History of choral singing in Paraíba.

### Introdução

Para os educadores, especificamente os envolvidos com a música, e para as pessoas de um modo geral, é automático mencionar o termo “canto orfeônico” e relacioná-lo a Villa-Lobos, no Rio de Janeiro. Até o momento, há poucos estudos relativos à música na Paraíba nas décadas de 1930 e 1940. O de Domingos de Azevedo Ribeiro não tem repercussão nacional. O Brasil desconhece que houve na Paraíba um forte movimento do canto orfeônico, semelhante ao do Rio de Janeiro. Em nosso Estado, quando se fala no termo “canto orfeônico”, pensa-se em Gazzi de Sá, que, infelizmente, é apenas lembrado por uma geração mais antiga. Por esta razão, lancei o desafio de mostrar e divulgar para as novas gerações que esse movimento foi igualmente intenso aqui.

Gazzi de Sá deixou a Paraíba e foi para o Rio de Janeiro, tornando-se conhecido como um grande professor, graças ao seu método de musicalização. No entanto, poucas pessoas conhecem quanto esse amigo de Villa-Lobos foi importante para a Paraíba em todos os âmbitos musicais. Desde 1932, mantinha contato com Villa-Lobos, recebendo orientações para a realização do canto orfeônico na Paraíba; ou seja, desde o início do grande projeto de canto orfeônico no Rio de Janeiro, com Villa-Lobos, no Governo de Getúlio Vargas.

---

<sup>1</sup> Este artigo se deriva da tese de doutorado da autora (SILVA, 2006, cap. III).

## O início do canto orfeônico

Para elucidar um pouco o começo de todo esse movimento no Brasil, podemos começar lembrando que “foi com a volta de Villa-Lobos da França, em 1930, que este iniciou o seu trabalho artístico educacional, através de concertos e conferências” (CUNHA, 1995 p. 27), embora o que ele realmente idealizasse fosse uma educação musical coletiva para o povo brasileiro através do canto. Villa-Lobos iniciou o seu trabalho de canto orfeônico em São Paulo. Segundo Villa-Lobos (1946, p. 14), foi em 1931, que se realizou pela primeira vez no Brasil uma demonstração orfeônica de “caráter cívico”, sob o patrocínio do interventor de São Paulo, João Alberto Lins de Barros, num imponente conjunto de cerca de 12.000 vozes.

Em seguida, Villa-Lobos, já radicalizado no Rio de Janeiro, coloca em prática o projeto canto orfeônico, difundindo-o em termos nacionais. Horta acrescenta que “o trabalho de Villa-Lobos alcançou tal projeção que conseguia reger gigantescas concentrações corais realizadas no Rio de Janeiro, que serviram de pretexto a acusações de que o artista estaria colaborando com a propaganda do Estado Novo getuliano” (HORTA, 1988, p. 218).

Considero importante destacar o trabalho de Jusamara Souza, que analisa a educação musical institucionalizada do Brasil no período de 1930-1945, procurando compreender suas relações e implicações com a política vigente, ao apontar o fato de que: “os resultados mostram que a política educacional autoritária de Vargas e o projeto de nacionalização influenciam diretamente a educação musical nas escolas, introduzindo a aula de música obrigatória para todos os níveis (Decreto-lei nº 19.890 de 18 de abril de 1931 art. 3)” (SOUZA, 1999, p. 18)<sup>2</sup>.

Inconformado com a situação das artes e especificamente da música no Brasil, Villa-Lobos resolve escrever um apelo ao então Presidente da República Getúlio Vargas, no qual mostra a precária situação financeira em que se encontrava o meio artístico brasileiro, segundo o seu ponto de vista, um povo possuidor dos melhores dons da suprema arte. Assim sendo, propõe encontrar meios práticos para acudir o artista; mostrando também que se encontravam desamparados mais de trinta mil musicistas profissionais em todo o país.

Para se ter uma noção mais clara desse apelo, faço uma citação de um trecho, com as palavras do próprio Villa-Lobos, dirigidas a Getúlio Vargas:

Peço permissão para lembrar a Vossa Excelência que é incontestavelmente a música, como linguagem universal, que melhor poderá fazer a mais eficaz propaganda do Brasil no estrangeiro, sobretudo se for lançada por elementos genuinamente brasileiros, porque desta forma ficará gravada a personalidade nacional, processo este que melhor define uma raça, mesmo que esta seja mista e não tenha tido uma velha tradição.

De modo que hoje, dia 1º de fevereiro de 1932, espero que Vossa Excelência irá decidir, com acerto, a verdadeira situação dos artistas no Brasil. [...]

E então, ou Vossa Excelência será além de grande e benemérito Homem Público e estadista arguto, o amigo leal das artes e dos artistas da nossa Pátria, colaborador de um dos maiores monumentos artísticos que o

---

<sup>2</sup> Sobre esse debate de longa duração, a respeito do compromisso de Villa-Lobos com a ditadura de Vargas e a utilização da música como instrumento de “civismo e disciplina coletiva”, remeto o leitor para (FUCKS, 1991; SOUZA, 1999; WISNIK, 1982).



mundo produziu e que a História Universal das Artes inscreverá como um dos seus capítulos mais interessantes, ou somente o grande e enérgico Chefe do Governo Provisório da República Brasileira, o invicto patriota que sacudiu o jugo atroz das rotinas políticas passadas que pesavam sobre o povo brasileiro, cujos filhos são à Vossa Excelência reconhecidos e que não cansam de exaltar Vossa Excelência nesta ascensão. [...]

E com isso Vossa Excelência terá salvo nossas artes e nossos artistas que bendirão toda a existência de Vossa Excelência.

Seu humilde patrício,

(a) H. Villa-Lobos (VILLA-LOBOS, 1972, apud CUNHA, 1995, p. 28-29)

Getúlio Vargas atende ao apelo aprovando o projeto de Villa-Lobos. Foi criado no Rio de Janeiro, em março de 1932, o Curso de Pedagogia de Música e Canto Orfeônico. Esse curso, exatamente com a orientação precedente, deveria facilitar aos professores do magistério público a prática da teoria musical e a técnica dos processos orfeônicos, que seriam mais tarde postos em prática nas escolas municipais. Em seguida, foi criado o Orfeão de Professores, incorporado às reuniões técnicas e aos Cursos de Orientação e Aperfeiçoamento do Ensino de Música e Canto Orfeônico.

O canto orfeônico na Paraíba foi idealizado em 26 de abril de 1932, ficando sob a responsabilidade do professor Gazzi de Sá elaborar a programação das atividades e encaminhá-las ao setor competente para as providências necessárias.

Na Paraíba, no governo do interventor Gratuliano de Brito, através do decreto-lei nº 948, de 12 de março de 1934, é criado o Orfeão Escola do Estado e igualmente instituído o Orfeão de professores (RIBEIRO, 1977, p.18). Este se constituía de professores que ensinavam nas escolas o canto orfeônico, auxiliando o professor Gazzi de Sá na preparação das grandes concentrações orfeônicas.

No Rio de Janeiro, para objetivar a questão artístico-educacional, foi criado, junto com o grande projeto em 1932, o organismo denominado Superintendência de Educação Musical e Artística – SEMA – para que Villa-Lobos executasse o projeto orfeônico, tendo o próprio compositor como o primeiro diretor. Vale ressaltar que essa Superintendência foi criada inicialmente com o nome de Serviço de Música e Canto Orfeônico, passando somente em 1933 a denominar-se Superintendência de Educação Musical e Artística. Para executar o projeto, a SEMA organizou um esquema de orientação para os professores de música, constando de: reuniões obrigatórias às quintas-feiras; um calendário cívico-escolar enviado aos professores, através de boletins, destinado à orientação deles, contendo sugestões de cânticos adequados às datas comemorativas; visitas periódicas de técnicos de educação musical e artística, que iam às escolas para ajudar na preparação musical dos eventos orfeônicos (FUCKS, 1991, p. 119).

Na Paraíba, coube ao professor Gazzi de Sá propor ao Interventor em exercício, Argemiro de Figueiredo, a criação da Superintendência de Educação Artística (SEA), concretizada pela Lei nº 16, de 13 de dezembro de 1935, e mais tarde reorganizada pelo Decreto Lei nº 961, de 11 de fevereiro de 1938.

Após a reorganização da SEA, em 1938, o professor Gazzi de Sá, como Superintendente, seguiu para o interior do Estado para inspecionar os alunos, a fim de estudar as suas possibilidades e

observar o que haviam realizado. O Governo do Estado lhe deu amplos poderes para agir dentro das suas funções com inteira independência para obter e colher os promissores e melhores resultados.



Foto 1 - Concentração orfeônica na Praça João Pessoa, em frente ao Palácio do Governo com o acompanhamento da Banda da Polícia. Foto: (RIBEIRO, 1977, p. 111).

A SEA, na Paraíba, funcionava nos moldes do órgão SEMA, no Rio de Janeiro. Os professores na Paraíba eram orientados por Gazzi de Sá, que também preparava os alunos nas escolas e os ajudava nas concentrações orfeônicas, realizadas geralmente na Praça João Pessoa.

Nos anos de 1934 e 1935, Gazzi de Sá foi ao Rio de Janeiro fazer o Curso de Pedagogia e Aperfeiçoamento do Ensino de Canto Orfeônico, dirigido por Villa-Lobos, na Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal. Foi nesta época que se deram “os contatos entre o grande professor militante na província e o mestre consagrado da criação musical brasileira” (SÁ, 1990, p. 07), período em que se fortaleceram os laços de amizade entre os dois.

### **Depoimentos de ex-alunos**

Débora Soares de Araújo,<sup>3</sup> além de ter sido aluna da Escola de Música Anthenor Navarro<sup>4</sup>, foi também ex-aluna de Gazzi de Sá na Escola Normal. Quando lhe perguntei se os alunos gostavam das aulas de música ministradas pelo mestre paraibano, mesmo aqueles alunos que não tinham interesse pela continuação dos estudos musicais, ela respondeu sem hesitação: “Gostavam demais, porque ele tinha uma facilidade de conquistar o aluno que ninguém rejeitava; além de tudo, a turma era pequena, de 29 alunos, sendo 26 moças e três rapazes; então todos adoravam, ninguém se sentia obrigado, eram aulas espontâneas.”

<sup>3</sup> Depoimento oral em entrevista concedida à autora em 2005.

<sup>4</sup> Escola de Música criada por Gazzi de Sá em 1929 e local de acentuada evidência musical da época. Esta Escola existe até hoje em João Pessoa.



Foto 2 - Gazzi de Sá (da direita para esquerda, sentado, a quinta pessoa, e, ao eu lado de branco, Luzia Simões) com os alunos da Escola Normal na década de 30. (Foto cedida por Eliane Bartolini).

Para se ter mais uma idéia do carisma do professor Gazzi de Sá, a sua ex-aluna acrescenta que, no Colégio Nossa Senhora das Neves, as freiras eram tão rígidas que não admitiam de forma alguma a entrada de homens no colégio. Porém, tal norma não se estendia a Gazzi de Sá, pois era muito querido pelas freiras, sendo inclusive convidado pelas irmãs para ser o professor de canto orfeônico daquela instituição.

Adhemar Alves da Nóbrega, ex-aluno de Gazzi de Sá do Lyceu Paraibano, que se tornou um musicólogo, Membro da Academia Brasileira de Música e professor de História da Música e Prosódia Musical, despertou para a música porque teve Gazzi como professor, conforme assegura em um de seus depoimentos:

Os alunos que integravam os conjuntos vocais criados por Gazzi para a prática da música coral e que freqüentaram sua residência, atraídos pelo fascínio de sua personalidade escol, puderam conhecer, na prática, motetes e madrigais da Renascença que foram depois cantados em público; farta messe de música brasileira, notadamente de Villa-Lobos, de quem era assíduo leitor, chamando a atenção dos seus discípulos e amigos para as novidades e beleza dessa música (e em parte desconhecida), inclusive no Sul.

A importância que assumiu sua missão educativa de esclarecimento cultural pode ser aferida por um testemunho simples e incisivo de Villa-Lobos. Quando em 1941 cheguei ao Rio, naturalmente procurei logo conhecer Villa-Lobos de quem meu professor me fizera um admirador sem reservas. Mas como apresentar-me, acanhado e sem títulos? Disse-lhe apenas: “sou aluno de Gazzi” - ao que o mestre respondeu sem titubear: “Então é meu neto”, isso dá a medida da importância que Villa-Lobos conferia (ou reconhecia) à atuação de Gazzi de Sá, de quem era amigo certo. (SÁ, 1990, p. 07).

É interessante destacar que o trabalho desenvolvido por Gazzi não foi importante apenas para a cidade de João Pessoa, mas para todo o Estado. Para ilustrar tal afirmação, entre outros exemplos, há o de Heloísa Leite, que morava em Patos, cidade do sertão da Paraíba, e estudava num colégio de freiras quando se interessou pelo violino. Ela aprendeu sozinha a tocar o instrumento, chegando a ponto de executar Paganini. Heloísa se depara, então, com o momento em que está sendo obrigatório o ensino de música nas escolas e precisando-se de professor de música, justamente, na escola onde acabara de se formar. Aconselhada por uma amiga e pelo maestro da banda de sua cidade, professor Marinho (que havia sido aluno de Gazzi de Sá), decidiu procurar Gazzi de Sá para prepará-la, a fim de que pudesse começar o ano letivo ensinando no colégio em Patos. Assim conta a própria Heloisa Leite em seu depoimento:

Arrumei a mala e vim para João Pessoa estudar com o professor Gazzi. O colégio em que estudei estava precisando de professor de música por lei do Governo Federal, e os colégios de Patos estavam sem professor; então eu tive que vir com urgência, pegar as férias aqui, estudando sozinha com o professor Gazzi de Sá. Era uma aluna especial porque não tinha mais ninguém; era férias, então ele exigia de mim. Muito risonho, muito alegre, ele dizia: Santinha traga água para Heloisa que ela está dizendo CLA, não mais o LÁ. Era de tanto cantar aquele solfejo de Frederico Nascimento, o Rodolfo, que era o solfejo nas sete claves. Eu estudava todos os dias. E o professor se entusiasmou tanto comigo que esqueceu que eu ia ensinar num colégio. Peguei três turmas da Escola Normal, duas turmas do ginásio e a outra turma colegial. Eu dava aula a esse povo o dia todo; quer dizer, a minha preparação feita por Gazzi de Sá foi suficiente para eu pegar um papel de qualquer coisa e cantar afinado, e eu mudava para qualquer tom, era só dizer, transformava toda a nomenclatura das sete notas.

### **Embaixada Artística Brasileira**

Gazzi de Sá integrou a Embaixada Artística Brasileira, chefiada por Villa-Lobos em 1940, viajando para a Argentina e o Uruguai. Nesta excursão a Buenos Aires e a Montevideú, Gazzi de Sá foi exercendo o cargo de secretário e representante de ensino da música e canto orfeônico do Norte do País. Teve uma importante participação nessa viagem, ao expor para os professores e alunos daqueles países os nossos processos de ensino de canto orfeônico, assim como na preparação de escolas que lhe foram confiadas para ilustrar as conferências pronunciadas por Villa-Lobos; pois o Brasil foi o primeiro país da América Latina a fazer as grandes concentrações orfeônicas. Tais conferências eram realizadas “com o objetivo de fazer a propaganda dos métodos de ensino do canto orfeônico adotados nas escolas brasileiras” (VILLA-LOBOS, 1991, p. 46).

O reconhecimento do trabalho de Gazzi de Sá por Villa-Lobos é explícito na carta que segue, direcionada ao mestre paraibano, agradecendo sua brilhante atuação na Embaixada Artística [Fig. 1].

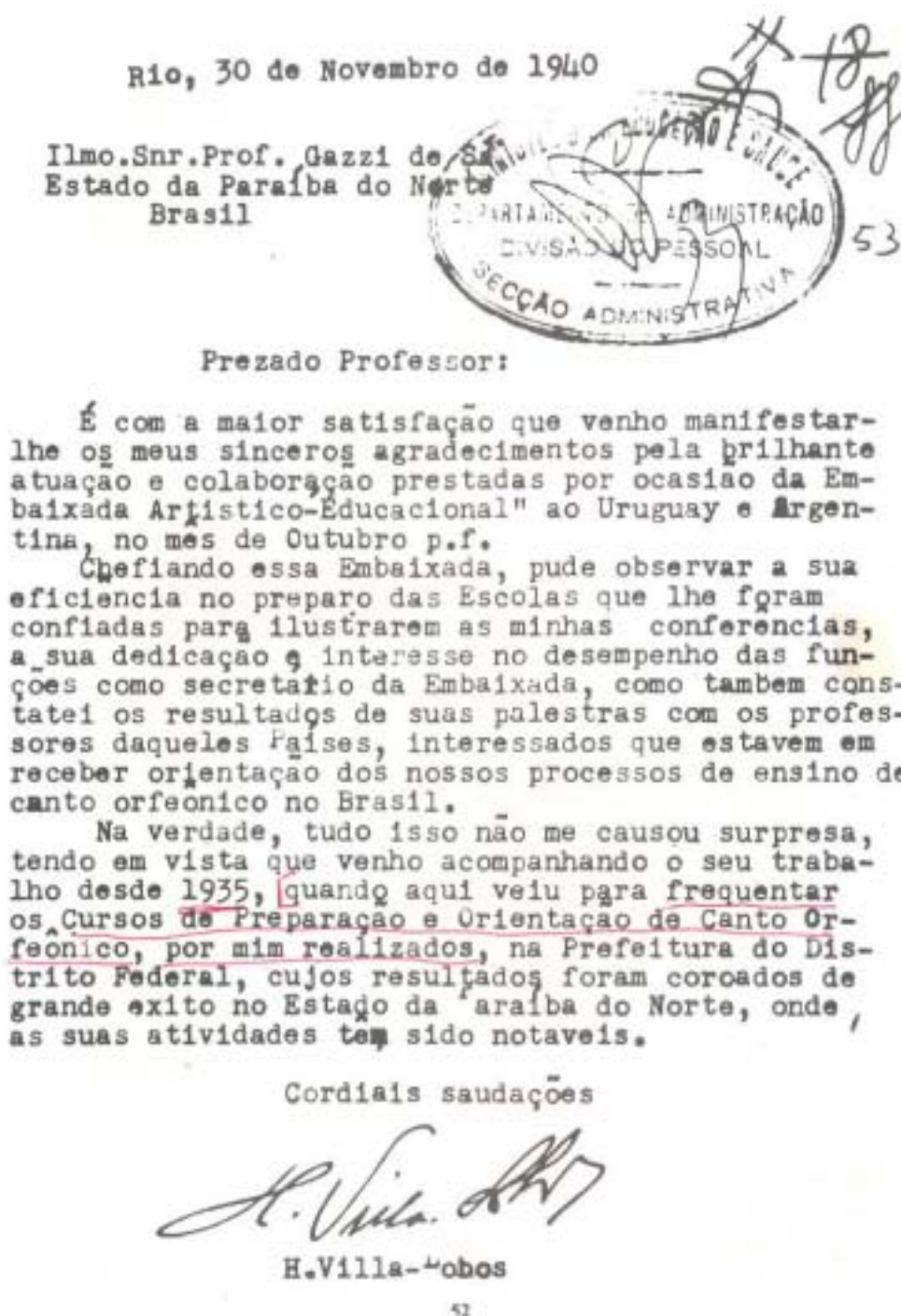


Figura 1: Documento em agradecimento a Gazzi de Sá. In: RIBEIRO, 1977, p. 52.

Gazzi de Sá criou, em abril de 1936, o Coral Villa-Lobos com a finalidade de difundir a prática de canto coral na Paraíba. Foi mais uma atividade marcante no desenvolvimento musical paraibano. Gazzi programou uma série de concertos didáticos, denominados Concertos Culturais. "O coral era formado por professores e alunos da Escola de Música e por alunos do Liceu Paraibano" (SIMÕES, 1978).



Foto 3 – Gazzi de Sá e o Coral Villa-Lobos. A entrevistada Débora S. de Araújo se encontra nesta foto; da direita para a esquerda é a quinta integrante da segunda fila. (Foto cedida por Eliane Bartolini; Período: entre 1936 e 1947).

Ambrosina Soares de Sá, esposa de Gazzi de Sá (mais conhecida por Dona Santinha), era professora de piano, teoria musical, coral e dança. Estava sempre envolvida e apoiando todas as atividades artísticas do marido, quase sempre desenvolvidas por ambos.

Sobre o Coral Villa-Lobos, Lorenzo Fernandez dá um depoimento no Diário de Pernambuco, datado de 22 de julho de 1947, não escondendo a admiração pelo desenvolvimento da obra de Gazzi na Paraíba.

A princípio relutei, dados os meus interesses no Rio em aceitar o convite de Gazzi para estender minha excursão até João Pessoa. Não me arrependi, porém, de ter cedido. Acabo de chegar de lá, encantado com o que, em matéria de arte musical, chegou a fazer Gazzi na Paraíba. Antes de mais nada, devo dizer que o Coral VILLA LOBOS é, por si, uma afirmação de fino sentimento artístico que informa toda a obra de Gazzi. Não posso furtar-me ao prazer de externar a minha admiração pelo disciplinado conjunto coral que tive a oportunidade de reger. Tenho viajado por muitas cidades do Brasil, e poucos, muito poucos mesmo, se podem orgulhar de um coral de tão pronunciada sensibilidade. Para julgar do quanto é capaz o Coral Villa Lobos, basta dizer que, à última hora, incerto no programa o número “Côco de Engenho Novo” de minha autoria, que fiz vir do Rio por telegrama e julguei não ser possível levar. À minha chegada, porém, nas vésperas do concerto, verifiquei, depois de um ensaio, com toda surpresa, que uma leitura apenas fora suficiente para garantir êxito ao número, de difícil desempenho, e que, aliás aconteceu. E, concluindo: Gazzi é um batalhador, um IDEALISTA visceralmente honesto, conhecido nos mais altos círculos artísticos do país. E acrescenta: Que João Pessoa, graças a Gazzi, já é tido no Rio como um ponto de referência para este movimento artístico que, cada dia, se pronuncia mais decidido. Esta é minha opinião pessoal, desinteressada e sincera sobre a obra de Gazzi, na Paraíba. Igual elogio, tenho certeza, lhe fará o maestro Villa-Lobos se, quando regressar da Europa, for consultado a respeito. Desejo voltar, ainda, ao Recife e grande prazer terei se encontrar nesta cidade um Coral, igual ao de Gazzi na Paraíba (RIBEIRO, 1977, p.165-166).





### **Gazzi de Sá decide morar no Rio de Janeiro**

Chega o momento de Gazzi de Sá partir para o Rio de Janeiro com a família, em fins de 1947, com o propósito de ser professor de Apreciação Musical no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico a convite de Villa-Lobos. Todos ou quase todos que conhecem a história de Gazzi sempre comentam que ele saiu da Paraíba atendendo ao convite de Villa-Lobos para ensinar no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. A informação está parcialmente correta, porém, há uma outra razão conhecida por pouquíssimas pessoas: ele não teria saído da sua cidade querida, se não tivesse sofrido uma campanha sistemática contra sua pessoa através de um jornal do Estado. Isto porque o professor Gazzi de Sá era contra a formação da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB); por entender que não havia pessoas suficientemente preparadas para tocar em uma orquestra. O pensamento dele era o de primeiramente preparar bons instrumentistas para depois formar a orquestra, importando, inclusive, músicos de bom nível.

### **Criação do Conservatório de Canto Orfeônico na Paraíba**

Apesar de sua ida para o Rio de Janeiro, Gazzi continua acreditando no canto orfeônico como instrumento de educação. Ele não cansa de lutar para melhorar as atividades musicais que deixou na Paraíba. A prova disso é que consegue, juntamente com sua discípula Luzia Simões - que assumiu todas as suas atividades musicais na Paraíba, por intermédio do então governador do Estado José Américo de Almeida - criar o Conservatório de Canto Orfeônico da Paraíba. Foi reorganizada a Divisão de Educação Artística, através da Lei nº 838 de 28 de novembro de 1952, com uma estrutura mais ampla incluindo a criação do Canto orfeônico, Serviço de Bandas e conjuntos musicais, Serviços de Dança, Teatro e Artes Plástica (RIBEIRO, 1977). Dessa forma, Gazzi de Sá vê, após 21 anos de sua criação, a Escola de Música Anthenor Navarro ser oficializada, pois no mesmo decreto ela passa para a jurisdição do Estado e é criado o Conservatório de Canto Orfeônico da Paraíba.

O Conservatório da Paraíba era ligado ao Conservatório Nacional de Canto Orfeônico do Rio de Janeiro. É importante salientar que a Paraíba foi o único estado em todo Norte e Nordeste do país a ter um conservatório de canto orfeônico na época, conforme comprova o depoimento do professor Gerardo Parente, que fez parte da equipe de professores do Conservatório da Paraíba: “no Brasil só existia em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraíba”.<sup>5</sup> A Paraíba era o centro musical que orientava e oferecia curso de canto orfeônico para as regiões Norte e Nordeste.

O Professor Gerardo Parente depois de ter vivido no Rio, de ter ensinado na Pró-Arte em São Paulo e de ter feito várias turnês pelo Brasil, ao passar em uma turnê na capital da Paraíba por volta de 1954, relata em entrevista a sua surpresa:

A minha surpresa maior foi ver em João Pessoa coisas que não existiam em outros lugares do país. O nível de ensino de música em João Pessoa era melhor do que no resto do país. E logo entendi que tudo aquilo era graças à estruturação feita por Gazzi de Sá. Ele é [sic] um dos grandes nomes em toda a história da educação musical no Brasil (AZEVEDO, 1994).

---

<sup>5</sup> Entrevista oral concedida à autora em 2001.

Para iniciar as atividades do Conservatório de Canto Orfeônico, o Governador José Américo forneceu bolsas de estudo às professoras (todas ex-alunas de Gazzi de Sá), com a finalidade de formar o corpo docente, fazendo curso regular no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, no Rio de Janeiro, durante dois anos. Enquanto estas se preparavam, foram contratados do Rio os professores Gazzi de Sá, Santinha Soares de Sá (esposa de Gazzi de Sá) e Asdrúbal Lima, para iniciarem as atividades do nosso futuro Conservatório, com o curso de preparação durante dois anos.<sup>6</sup>

Entre as alunas convidadas por Gazzi de Sá para estudar no Conservatório, estava Heloisa Leite. Ela segue para o Rio com a sua melhor amiga da turma, Olga Ribeiro, que atualmente mora em Itabuna, na Bahia, onde dirige um coral da terceira idade, o Coralito (coral de crianças) e ainda ensina técnica vocal, piano e teclado. Com 76 anos de idade, continua vivendo em plena atividade musical. Tive oportunidade de falar com Olga Ribeiro por telefone, e, apesar da curta conversa, deu para verificar a alegria de poder falar sobre o seu professor: “considero Gazzi de Sá o melhor professor de música que já tive. Olha que já tive professor fora do Brasil, nos Estados Unidos. Mas como Villa-Lobos tinha a perfeição para a composição, Gazzi tinha para ensinar e reger”. Olga ensinou no Conservatório de Canto Orfeônico da Paraíba nos anos de 1955, 1956 e 1957 e foi professora de Fisiologia da voz, Teoria musical e Órgão.

As cinco professoras que foram, em 1954, se aperfeiçoar no Rio de Janeiro voltaram para ensinar no Conservatório da Paraíba. Todos os professores daqui que iniciaram o ensino no Conservatório tiveram essa oportunidade de ir ao Rio: a intenção era que fossem bem qualificados para ensinar no Conservatório na Paraíba.



Foto 4 - Villa-Lobos com os alunos do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico no Rio (1954-55). Entre os alunos estão as cinco alunas paraibanas. Da esquerda para a direita, em pé, contando apenas as alunas, cito-as: a primeira aluna: Olga Ribeiro da Silva, a quinta aluna: Heloisa Nóbrega Leite, a nona aluna: Lúcia Soares (falecida) e na primeira fila, sentadas, da esquerda para a direita, a sexta: Rejjane Carvalho e a sétima: Jória Toscano. (Foto cedida por Heloisa Leite)

<sup>6</sup> Informações colhidas em SIMÕES, 1978 e em depoimento oral de Heloisa Leite (2005).



### **Luzia Simões e a responsabilidade de continuar uma obra**

Ao ser criado o Conservatório da Paraíba, em 28 de novembro de 1952, a professora Luzia Simões foi de imediato, no início do ano seguinte, para o Rio, a fim de fazer o curso de dois anos no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Deixou na Paraíba o marido e dois filhos, ainda pequenos. “Fez o curso regular e realizou estágio para Diretor e Professor de Conservatório de Canto Orfeônico” (RIBEIRO, 1977, p. 123). Retornando a sua terra em 1955, assumiu o lugar de Diretora do Conservatório de Canto Orfeônico da Paraíba, conduzindo sempre com muita fibra e determinação todas as outras atividades deixadas por Gazzi de Sá. Dirigia a Escola de Música Anthenor Navarro, o coral Villa-Lobos e o Madrigal da Paraíba.

A partir de 1948, Luzia Simões assumiu todas as atividades musicais de Gazzi de Sá, era quem supervisionava o canto orfeônico nas escolas e organizava, sob sua regência, as concentrações orfeônicas na Paraíba.

Luzia Simões, em seu discurso que deixou escrito em 1978, contando sobre a música na Paraíba, revela:

Não podemos deixar de reconhecer que a Paraíba muito deve ao Prof. Gazzi de Sá. Foi ele o marco de tudo que temos hoje. Sempre trabalhando com verdadeira abnegação, não visando lucros, entregando-se inteiramente ao ensino, com amor e interesse na formação dos seus discípulos. Sua esposa Santinha foi sempre a sua querida companheira inseparável, auxiliando-o e incentivando-o em qualquer realização pretendida.

Hoje assistindo e testemunhando o trabalho daqueles que continuam a dirigir os destinos da música em nosso Estado, sinto-me feliz por ter sido uma pedrinha no alicerce deste grande edifício que integra a cultura artística de um povo.



Foto 5 - Luzia Simões regendo uma concentração orfeônica. (Foto cedida por Eliane Bartolini)

O Conservatório da Paraíba, criado em 1952, encerrou suas atividades em 1963, quando passou a ser Instituto Superior de Educação Musical, onde funcionava o Colegial Artístico. Hoje, a Escola de Música Anthenor Navarro é o único Departamento do Instituto Superior de Educação Musical na Paraíba.

Ao re-escrever sobre o canto orfeônico (com suas concentrações) e sobre o Conservatório da Paraíba, tenho a impressão de que, na Paraíba, mesmo funcionando sob as orientações de Villa-Lobos, inserido no contexto político da época, o ensino da música apresentava um diferencial. Parece que Gazzzi de Sá passava o prazer que ele sentia pela música aos seus alunos, sem exigir esforço algum, naturalmente devido a sua extraordinária metodologia de ensino que conquistava a todos. É impressionante a admiração que todos os entrevistados que o conheceram sentem pelo professor e pela pessoa de Gazzzi de Sá.

Indiscutivelmente, Gazzzi de Sá foi um grande educador musical. Infelizmente a Paraíba não soube compreender a grandiosidade do seu trabalho, deixando que fosse embora um filho da terra que tanto lutou em favor da música no Estado. A Paraíba tem de reconhecer que, se hoje somos um dos estados que se destacam no cenário musical do país, devemos aos primeiros esforços educacionais de Gazzzi de Sá, quando tomou a si a tarefa de transmitir, fazer sentir e viver a música de forma prazerosa.

### Referências bibliográficas

AZEVEDO, C. Gerardo Parente: Um dos grandes nomes da música paraibana chega aos 50 anos de memorável carreira. **O Norte**, João Pessoa, 23 nov., Show, p.1, 1994.

CUNHA, Atenilde. **Educação musical: um processo em crise**. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

FUKS, Rosa. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991. (Série Música e Cultura, 1)

HORTA, Luiz Paulo. In: McLEISH, Valerie. **Guia do ouvinte de música clássica**. Trad. Enio Silveira e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.

RIBEIRO, Domingos de Azevedo. **Gazzi de Sá**. João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, ilustr., 200 p., 1977.

SÁ, Gazzzi Galvão de. **Musicalização: método Gazzzi de Sá**. Rio de Janeiro: Os Seminários de Música Pró-Arte, 1990. (Obras completas de Gazzzi de Sá n. 6)

SILVA, Luceni Caetano da. **Gazzi de Sá compoendo o prelúdio da educação musical da Paraíba: uma história musical da Paraíba nas décadas de 30 a 50**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, 2006.

SIMÕES, Luzia. **A música na Paraíba**. Documento datilografado, 8 f, 1978.

SOUZA, Jusamara. A concepção de Villa-Lobos sobre educação musical. In: **Brasiliana - Revista da Academia Brasileira de Música**. Rio de Janeiro, n.3, p. 8-25, 1999.



VILLA-LOBOS, Heitor. **Educação musical**. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 1991. 115 p.: il., música, ret.; 21cm. - (Presença de Villa-Lobos; v. 13.) Reedição do texto Educação Musical de H. Villa-Lobos publicado no Boletim Latino-Americano de Música, Ano VI, Tomo VI - Rio de Janeiro, 1946.

WISNIK, J. M. Getúlio da paixão cearense (Villa-Lobos e o Estado Novo). In: SQUEFF, E. E Wisnik, J. M.(org.): **O nacional e o popular na cultura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

**Luceni Caetano da Silva** é Bacharel em Música pela Universidade Federal da Paraíba (1985). Desde 1991 é Professora do Departamento de Música dessa instituição, onde exerce atividades voltadas à Educação Musical com projetos de extensão para a iniciação musical através da flauta doce, além do trabalho de coordenação da Orquestra Infante-Juvenil. Em 1997 concluiu o curso de Especialização em Fundamentos da Apreciação e Crítica no Ensino das Artes (UFPB) e em 2006, o Doutorado em Letras (UFPB).